



O Christo

Que nome este! que grandes idéas desperta no animo do homem religioso, ou mesmo no animo do homem pensador! Para aquelle esse nome representa o vulto sublime em que se encarnou o filho de Deus, para este o regenerador da humanidade, o grandioso chefe de seita que mais pura e santa doutrina ensinou ás gerações, para ambos o iniciador da civilisação moderna, o martyr duma causa sagrada, a victima innocente cujo sangue fecundou a arvore augusta da emancipação dos povos.

O mundo debatia-se nas convulsões da agonia produzida pela putrefacção moral; as religiões, como os fructos do Asphaltite, escondiam por baixo duma apparencia tentadora as cinzas que os philosophos encontravam quando tentavam explorar-lhes o amago; a arvore da philosophia, arvore esteril, cobria-se de copa lustrosa e folhuda á voz de Socrates, de flores lindissimas á voz de Platão, mas por entre essa ramaria luzente, por entre esse florejar esplendido não apparecia o fructo çumarento que devia fartar a sede, que devorava a alma humana; a propria religião de Mosès, a que devia ser mãe do Christianismo, plantada em terreno pedregoso, cuidadosamente escondida na sombra do tabernaculo, produzia apenas fructos amargos; era necessario que um novo garfo viçoso e luxuriante a viesse rejuvenescer, era necessario que o sangue dum martyr divino

se transformasse para ella em dulcissima seiva; a Biblia austera, enfim, precisava de ser regenerada pelo Evangelho suave.

Foi então que appareceu o Christo; foi então que nasceu o doce Jesus no presepe humilde de Bethleem; e vejam como em todas as circumstancias que rodeiam esse nascimento se conhece já o caracter meigo da nova religião; em vez da epopea sinistra, que preside á fundação da religião de Mosès, em vez da sarça ardente, em vez dos castigos tremendos que desabam sobre o Egypto, em vez da voragem que se abre no Mar Vermelho, temos um idyllio suavissimo, pastores, anjos de azas brancas, estrellas a traçarem uma estrada argentea, e não a columna de fogo a afogear o horisonte com a sua luz vermelha; e o boi melancolico a bafejar com o tepido halito a criança recém-nascida, a mulher bella e pura a ministrar-lhe o seio. É uma egloga suave, bucolica, deliciosa, um idyllio oriental fresquissimo e perfumado.

Depois, quando chega o momento da prêdica, quando a palavra da vida vae ser communicada ás multidões, quando as taboas da nova lei vão ser lavradas pelo redemptor da humanidade, não é entre os relampagos e os trovões do Sinai que o vulto do legislador religioso nos apparece terrivel, austero, olympico, cercado duma aureola de raios, fulminando com a palavra de fogo os scepticos e os impios como outr'ora Mosès na mon-

tanha, fallando face a face com o Senhor e lançando o anathema sobre o seu povo de vacillante fé! Não, o código do christianismo confia á doce brisa dos campos as suas paginas soltas; não é tropejante a palavra da vida, é meiga e affavel; não é sinistra a paizagem, é suave como o reflexo do Paraiso; o lago de Tiberiades com as suas mansas aguas, as planicies da Palestina com as suas espigas lourejantes, alem um barco de pescadores, colhendo a véla, mais perto, no primeiro plano, um vulto suavissimo, que a tradição nos apresenta, com o seu olhar meigo, onde se lê a misericordia infinita, com a sua fronte desnublada, com os seus cabellos de ouro, com a sua barba fina, com a sua voz melodiosa, com a palavra colorida, com angelico sorriso.

Este vulto é o Christo, o Messias, o Redemptor, o fundador do novo systema religioso, o prégador da nova lei, o filho de Deus emfim.

Assim o representa a tradição, e assim devia ser com effeito. Quando hoje lemos o Evangelho, quando representamos na phantasia aquellas scenas tão suaves, nunca o vulto de Jesus de outra forma-se nos figura. É a multidão silenciosa, rostos morenos, barbas negras, as raparigas judias, com os seus olhos de gazella assustada, com o seu perfil voluptuoso, com as suas formas gentis, de cantaro á cabeça, como Rebecca, e no meio destes grupos, um homem novo, de suave physionomia, de longa tunica, de olhar limpido, deixando correr dos labios, como um rio de mel, a palavra eloquente, que ha de regenerar o mundo.

Depois veio o supplicio affrontoso, a paixão, o Calvario, a cruz! Nunca se alterou aquelle rosto divino; apenas mais uma sombra de tristeza na fronte melancolica, mais um toque de amargura no sorriso resignado, mais um raio de amor no olhar suave e doce! Foi sempre assim que a humanidade o adorou, foi assim que elle appareceu em sonhos aos ascetas, foi assim que os grandes pintores religiosos, os poetas da tela o conceberam e desenharam. É porque essa meiga physionomia é o symbolo da religião que o martyr do Golgotha legou á humanidade; porque o Evangelho, com as suas palavras de misericordia, com as suas aspirações para o ideal, com o seu código todo amor, carinho, fraternidade, humildade e resignação, está impresso na sua physionomia candida e triste. E se alguma vez os grandes pintores da escola hespanhola o representaram livido, macerado, ascetico, sinistro, quasi feroz, é porque a religião que os inspirava não era a religião do Christo, era a de Torquemada, porque a luz dos seus quadros emanava dos autos de fé, não das paginas do Evangelho. Esse Christo sombrio é o deus vingador dos padres; o Christo, de que a nossa gravura é transumpto, é o filho da Virgem, é aquelle cujo olhar dizia: «Fraternidade», cujo sorriso prégava «Misericordia.»

M. PINHEIRO CHAGAS

REFLEXÕES SOBRE ALGUNS POETAS PORTUGUEZES

I

A critica litteraria, entre nós, conserva-se ainda nas faixas da meninice. Mais de uma vez o temos dito, e, repetil-o-hemos ainda: emquanto a litteratura, nas suas manifestações diversas, caminha e realça; em quanto os poetas, os dramaturgos, os romancistas trabalham infatigaveis e gloriosos; os historiadores que devem commentar e julgar destes factos repousam ainda nos limbos inexerutaveis. Alexandres não faltam, Alexandres para quem o mundo é pequeno, e que a um bote da cimitarra cortam cerce pelos maiores tropeços; de que os tempos andam minguados é de Curcios, que registem nas tabletas as proezas dos modernos conquistadores.

E succede que, andando a maior parte dos homens de letras accordes em que, uma historia litteraria é para nós, e ha muito, uma necessidade imprescriptivel, ainda nenhum metteu a relha do arado aos nossos terrenos baldios. Contentam-se em plantar aqui e ali, pelos alegretes, uma ou outra flor mais rara, mais viçosa, mais redolente; em semear nos campos amanhados algum bago que se levante cedo em espiga, algum arbusto que breve se cope e enrame; e deixam por desbravar a charneca, que tanto e tanto deveria aproveitar aos modernos cultivadores. Eu não sei de que ha de lançar mão uma pessoa que se dê a estudos litterarios. Procura, indaga, farisca por toda a parte, derreia-se em cata de subsidios, pergunta qual a obra, o opusculo, a tentativa sobre a nossa litteratura, e apontam-lhe tres ou quatro memorias esparsas pelos volumes da academia, alguma divagação preliminar, uma synopse do sr. Silvestre Ribeiro, e o *Ensaio biographico-critico* de Costa e Silva.

Isto, e pouco mais, é o que nós temos de lavra caseira. Alguns estrangeiros tem vindo colonisar o sertão, mas quasi sempre a colheita tem sido de pessima sizania. Desconhecendo as qualidades, a indole da lingua, aquilatando as obras pelo reflexo de traducções espurias, assentando juizos sobre escoras alluidas, os apreciadores estrangeiros tem sido, em regra, para conosco, desabridos e injustos. E mesmo assim, quantos se tem dado ao estudo da litteratura portugueza? Apontamol-os num pequeno grupo. Bouterweck, Sismondi, e Ferdinand Dinis, são os principaes que sobrepujam; os demais; tratando as nossas questões litterarias com a mesma competencia com que nós discutimos o *Ramayana*, affirmam o que lhes apraz, negam o que não entendem, censuram as maravilhas, e concedem dois monosyllabos laudatorios ao que não ha bernardo que tolere. Isto é assim. Camões, o proprio Camões, com toda a grandeza do seu nome, não tem escapado aos enganos da critica. Maroncelli, um dos mais bellos escriptores da Italia neste seculo, o amigo e companheiro de Pellico, tratando no seu livro *Addizioni* da historia da litteratura e das evoluções do espirito humano, depois de estabelecer a sua racionalissi-

Aproveitemos o dia de hoje, e não nos fiemos no de amanhã.

ma distincção de *cormentalismo* e de *perfilismo*, em substituição á de *classicos* e *romanticos*, procura mostrar em qual destas duas familias se devem filiar os maiores escriptores. Depois de disrecrear sobre a materia, e de dar a cada um o seu posto, com toda a sisudez e bom gosto, termina por dizer, que um dos poetas que se devem collocar entre os cormentaes, a par de Boscan, de Garcilasso e de Klopstock é sem duvida alguma Vasco da Gama. O illustre capitão das Indias nunca pensou em que o haviam de pôr com moradia e assentamento nos paços reaes de Apollo.

Este Vasco da Gama memorado conjunctamente com tamanhos poetas é Camões, que Maroncelli não leu, e em que falla, tomando o heroe pelo cantor, com a mesma semceremonia com que qualquer podia dizer que o urso *Atta-Troll* foi o ultimo poeta da Allemanha.

Ora, retrocedendo um pouco, dizia eu, que os nossos historiographos litterarios ainda estão por vir á estampa, e que apenas um ou outro escriptor se tem dado a colligir um punhado de factos que prestam como material para o futuro, mas que não são lanço de nenhum edificio. A historia litteraria de um povo, ou, pelo menos, a historia da sua litteratura, exige o traço luminoso e profundo, a concatenação de idéas, o vasto alcance de olhar com que se mede a influencia de uma obra no seculo, e a deste na sociedade em geral; carece d'essa robustez com que synchronicamente se abarcam as produções do espirito humano para as colejar, e determinar as causas de que surdiram taes effeitos. Este livro, este tratado, este monumento a que alguém podia desde já metter hombros, é o que nos falta, desgraçadamente. Os criticos imaginarios passam perfunctoriamente pelos assumptos, roçam-lhe de leve a epiderme, e deixam-nos unicamente enfeitados pelas galas de um estylo bizarro e loução. Abaixo do carnaz ninguém tem alma para metter o escarpello.

Estas criticas floridas, que deleitam pelo matiz e pelo aroma, são inuteis como madeiramento do templo. Costa e Silva, aquelle inoffensivo poeta fabulista, mas o unico que temos no genero descriptivo, e no romantico aceitavel em muitos rasgos, Costa e Silva, foi o que mais apparelhrou para a historia da nossa litteratura. O seu *Ensaio*, de que todos se servem e em que todos abocanham, se é, no traçado, um edificio imperfeito, se a critica não prima pela lucidez, se o rigor historico nem sempre é conservado; tem comtudo, o merecimento de uma galeria abundante, onde o homem estudioso encontra enfileirados os medalhões mais notaveis. Póde a luz estar mal distribuida e as feições não serem de uma exactidão typica; o que é certo, é que, o mestre que gisar a planta para o pantheon dos nossos homens de letras ha de consultar mais de uma vez o modesto hospicio do poeta da *Baroneza de Gaya*.

Propondo-me a apresentar agora as minhas *Reflexões sobre alguns poetas portuguezes*, não tenho o intuito de iniciar a obra que nos falta; (o simples titulo destes artigos o indica sufficiente-

mente); o que quero é modelar os bustos de alguns dos nossos poetas, sem me acingir a epocas nem a indotes, e deixal-os, senão como obras d'arte, pelo menos como rudimentos auxiliares para labores de maior folego.

Em quanto aquelles a quem sobra vigor e tempo deixam enferrujar o alvião sob as flores que o enramam, é justo que os obreiros noviços assentem de vez emquando a sua pedra. São todos estes caboucos desgeitosos e informes que hão de, em mãos habeis, servir para alicerce; é toda esta rude alvenaria que tem de aguentar a abobada. Que levantem a fabrica, que a ornamentem, que a alindem; nós lá iremos depois admirar os retabulos, os modilhões, as columnas de porphido, as maravilhas dos frescos.

Por emquanto, engordem e durmam; mas não se riam parvamente dos que trabalham e luctam.

E. A. VIDAL.

(Continua)

A NOIVA DO CADAVALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

(Continuado de pag. 107)

Gaspar de Oliveira olhava para elle com espanto. No seu espirito cheio de prevenções contra os revolucionarios, entrava a custo a convicção.

— Não julga isto possivel? tornou Deschamps sorrindo-se; pois bem, quero dar-lhe nma prova de que nós, os filhos da liberdade, não somos todos algozes. O convento dos dominicos, transformado em cadeia, pelos ferozes emissarios da junta de salvação publica, está atulhado de presos. Depois da capitulação os reaccionarios pensaram em assassinar os jacobinos, mas nenhum se lembrou de restituir a liberdade ás victimas do odioso systema, debaixo do qual geme a França. Prestenos o unico serviço que nas circumstancias actuaes nos póde prestar a invasão estrangeira; vá arrombar com a coronha das suas espingardas as portas das masmorras.

— Oh! vamos depressa, acudio Gaspar com impetuosidade, mostre-me o caminho.

— Não póde estar mais ancioso do que eu, tornou o official republicano. E, seguido pela patrulha portugueza, tomou o caminho da cadeia.

Era um vasto edificio sombrio e fundo. As janelas estavam illuminadas pelos presos, que, ebrios de alegria, acudiam ás grades pedindo que lhes abrissem as portas, e estendendo os braços para os parentes e amigos que da rua os saudavam com jubilo. Mas os carcereiros tinham fugido levando as chaves como ultima vingança, e as portas espessas resistiam aos impulsos da turba desprevenida. Ninguém se lembrára ainda, na perturbação em que estavam, ou talvez por um certo pundonor nacional, de ir chamar os soldados estrangeiros. Porem, quando a patrulha portugueza appareceu no extremo da rua, acolheram-

na gritos de entusiasmo. Gaspar e os seus soldados atravessavam por entre a multidão desvairada pela ventura, que lhes beijava as mãos. Paulo Deschamps afastou-se, melancólico. Indignavam-no essas manifestações, e não tinha animo de as condemnar, lembrando-se que assim se expandia o amor, por tantos mezes angustiado, dos paes, das mães, das esposas, dos irmãos dessas victimas da Convenção.

As primeiras corônhadas foram as portas dentro. Gaspar confiou a um sargento a missão de ir arrombar as portas dos carcerees interiores. Poucos minutos tinham decorrido quando se ouviu um clamor jubiloso encher a escadaria. Logo depois irrompeu a multidão dos presos, lividos, magros, e com o rosto banhado de lagrimas de jubilo. Foram recebidos nos braços de outra multidão que os esperava, e durante um largo espaço de tempo não se ouviram senão choros, perguntas que se cruzavam não esperando as respostas, acções de graças, um delirio de alegria. Gaspar contemplava enternecido este espectáculo, e agradecia a Deus o ter-lhe proporcionado ensejo de ser causa principal de tanta felicidade.

Então, lembrando-se do seu prisioneiro, e ainda não curado de todo das suas prevenções, voltou-se julgando ver no rosto de Paulo Deschamps a expressão de amarga ironia, que o seu semblante tomava, quando lhe acudia aos labios a palavra «aristocrata.»

Paulo tinha o rosto banhado de lagrimas.

— Oh! meu amigo, exclamou Gaspar, apertando-o nos braços, a sua alma é verdadeiramente nobre.

— Aproveite melhor os seus abraços, tornou Paulo Deschamps como que envergonhado de ter sido surpreendido nesse accesso de commoção. Veja aquella pobre menina que desfallece se a não amparam.

Gaspar voltou-se vivamente. Um grupo de pessoas, que parecia formarem uma só familia, assomara á porta do convento transformado em prisão. Compunha-se de um homem de idade, de desempenada estatura, e de physionomia levemente desdenhosa, e duma senhora também de idade, pallida e de cabellos brancos, que chorava de jubilo encostada ao braço do velho. A pobre menina, para quem Paulo chamara a attenção do alferes portuguez, essa era uma creatura adoravel. Teria dezoito annos quando muito, e desabrochava ao sol da vida, em todo o encanto da sua primavera. As lagrimas que derramara tinham-lhe desbotado a rosada côr das faces, mas a sua pallidez, que realçava o aveludado, e a ternura melancolica dos seus grandes olhos azues escuros ainda a fazia mais bella e interessante. A expressão quasi extatica da sua physionomia revelava o prazer ineffavel com que a pobre criança tornava a respirar a aragem da liberdade. Como Aimée de Coigny, a graciosa criança, immortalizada pelos versos de Chenier, esta «jeune captive» também havia de ter dito ao cadafalso que a ameaçava:

*O mort, tu peux attendre; éloigne, éloigne-toi,
Va consoler les coeurs que la honte, l'effroi,
Le pâle désespoir dévore.
Pour moi Pales encore a des asiles verts,
Les Amours des baisers, les Muses des concerts;
Je ne veux pas mourir encore.*

E a morte fugira da pallida flor, reanimada pelos orvalhos da aurora. E tanto foi o jubilo com que ella renasceu á vida, que mal pôde supportar tão inesperada alegria, e cairia desmaiada, se Gaspar da Silveira, avisado pela indicação levemente ironica de Paulo Deschamps, não corresse a amparal-a.

Já os dois velhos se tinham approximado com inquietação. Mas a alegria não mata. O deslumbramento passou rapidamente, e a gentil criança, abrindo os lindos olhos, e vendo-se amparada por um official estrangeiro, no qual instinctivamente reconheceu o homem que lhes abrira as portas do carcere, cedeu a um impeto de reconhecimento irreflectido, e, apertando-lhe docemente a mão, murmurou com uma voz, melodiosa como gemido de harpa ecclia:

— Oh! merci, merci.

Depois corou, e afastou-se rapidamente d'elle; mas este aperto de mão, e estas duas palavras tinham feito estremecer Gaspar da Silveira, quando elle não tinha estremecido, ouvindo pela primeira vez em Ceret o silvar das balas e o estrondo da artilheria.

Era já o amor? Que triste aurora para amores essa tempestuosa noite!

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

A HEDIONDEZ DOS DIFFAMADORES

Voltaire disse: *A vida de um forçado das galés é preferivel á de um fabricante de libellos diffamatorios; porque aquelle pôde ter sido condemnado injustamente, ao passo que este merece a condemnação.*

A condessa de Genlis, recordando este dito de Voltaire, apresenta esta ponderação: «A sentença é justa; mas é lastima que fosse proferida por um escriptor, que fabricou milhões de libellos diffamatorios!»

Digamos, porem, que, neste caso, castigou-se a si proprio o criminoso.*

UMA VISTA DE CORNWALL.

Cornwall não é dos mais pequenos condados da Inglaterra; pois occupa uma area de 139 kil. sobre 75, e conta uma população de, approximadamente, trezentos e cincoenta mil habitantes. Não obstante, faltaria á verdade quem, deslumbrado pela grandeza e prosperidade da nação britannica, se lembrasse de collocar a antiga *Dumnonii* entre os condados mais ricos e florentes. O terreno, quasi na generalidade, montanhoso e esteril, não tem deixado a agricoltura desenvolver-se, e as outras industrias caminham lenta e vagarosamente pela estrada do progresso. As unicas fontes de receita, para os habitantes de Cornwall, são a exploração de minas de estanho, de cobre e mais alguns outros metaes, e a



Uma vista de Cornwall

pesca, que, pela grande extensão da costa, se effectua ali em grande escala. Sóbe a mais de quinze mil o numero de pessoas, tanto do sexo masculino como do femenino, que trabalham neste ultimo ramo industrial. Os homens vivem quasi sempre no mar; e as mulheres, cujo traço, como se vê em a nossa gravura, é muitissimo particular, descarregam o peixe para terra, e em grandes cestos, presos á cabeça por uma correia, o vão vender pelas diversas povoações.

Bodmin e Launceston são as duas cidades principaes do condado; conta aquella tres mil e trezentos habitantes, e esta, que é a capital, seis mil e oitocentos. Falmouth, porem, que outr'ora servio de estação dos paquetes, foi sempre um ponto muito mais importante pela sua posição geographica, e pelo seu magnifico porto.

Ha tres seculos ainda se fallava em Cornwall um dialecto derivado do celtico.

UMA CONDEMNAÇÃO DO FANATISMO POLITICO

De toutes les amitiés il détache mon âme,
Et je verrais mourir frère, enfans, mère et femme,
Que je m'en soucierais autant que de cela.
Le Tartufe de Molière.

Na historia dos povos modernos tem havido épocas, em que muitos individuos hão tido a singular velleidade de imitar Esparta e Roma, julgando-se a si proprios uns grandes cidadãos, quan-

do, aliás, não eram ao principio — senão uns estonteados, para mais tarde passarem a ser fanaticos perversos, e ás vezes monstros sanguinarios.

A revolução franceza offerece, em grande copia, esses tristes e deploraveis typos! e tanto basta para que seja desnecessario citar mais exemplos, alem dos que a mesma revolução nos apresenta.

Esses exemplos, porem, da Franca agitada e quasi em delirio, nos tempos immediatos a 1789, deixaremos agora em silencio; e voltando um pouco atraz, iremos pedir ao famoso Rousseau que nos diga o como castigou elle um fanatico, que, vestindo-se com as roupas e adoptando o nome de um romano celebre, pretendia immortalisar-se pela imitação da *virtude antiga*.

Um escriptor, que muito profundamente estudou Rousseau — no que respeita á vida e aos escriptos — M. Saint-Marc Girardin, cita uma carta que um fanatico — em perspectiva — escreveu ao auctor do *Contrato social* no anno de 1766, consultando-o sobre o que lhe cumpria fazer para libertar a patria que jazia na escravidão. Queria o consultante pôr hombros á empreza de libertar a patria; mas annunciava que para realizar um tal intento, ia abandonar a mulher e filhos, e renunciar assim aos deveres de esposo e de pae.

É de notar que o consultante, embora simulasse pedir um conselho a Rousseau, punha a mira em receber applausos, e como que em ser agraciado com o titulo de grande cidadão; pa-

recendo-lhe que era mui proprio e auctorizado para lhe conferir um tal diploma o escriptor apaixonado e eloquente, que havia encarecido e exaltado o patriotismo dos antigos romanos.

Felizmente Rousseau navegou noutro rumo, e deu uma lição severa ao consultante, que se assignava «Cassius», e stygmatisou de um modo admiravel a maia daquelles que, para chegarem ao extremo da virtude extraordinaria, commecam por se dispensarem do exercicio dos deveres e virtudes communs.

— «É bello, é sublime o projecto de «Cassius» (respondeu Rousseau) de libertar a sua patria; mas para que serve dar de mão a todos os sentimentos estranhos a esse dever? Não é acaso verdade que todos os sentimentos virtuosos se esteiam uns aos outros, e que não é possível destruir um sem enfraquecer os demais?—*Por muito tempo julguei ser possível conciliar as minhas affeições com os meus deveres.*—Não ha que fazer conciliações neste particular, pois que as affeições são deveres.—*Cessou a illusão, e conheço agora que um bom cidadão deve supprimil as.*—Qual illusão era essa? Onde foi «Cassius» buscar uma tão horrivel maxima? Se ha na vida tristes situações, se ha cruéis deveres que ás vezes nos forcem a sacrificar-lhes outros, e a despedaçar o coração para obedecer á necessidade urgente ou á inflexivel virtude: ha por ventura, é acaso possível que haja deveres, que nos forcem a suffocar sentimentos tão legitimos, como são os do amor filial, conjugal e paternal? E o homem que a si proprio se impõe a lei de mais não ser filho, nem marido, nem pae... ousa usurpar o nome de cidadão, o nome de homem?»—

Mas Rousseau desconfiou que andava nos designios do supposto «Cassius» alguma conspiração, e neste sentido julgou a proposito dizer alguma cousa a respeito de conspirações.

No conceito de Rousseau, conspirações póde haver, que sejam actos heroicos de patriotismo, — e algumas tem havido taes; mas, pela maior parte, são actos criminosos, promovidos por quem põe a mira, menos em servir a patria, do que em tornal-a escrava, — menos em a libertar dos tyrannos, do que em o ser.

— «No que me respeita (dizia Rousseau) declaro-vos que por modo algum desejaria entrar em uma conspiração, ainda a mais legitima; porque, em ultima analyse, essas emprezas não se executam sem perturbações, sem desordens, sem violencias, e ás vezes nem sequer sem effusão de sangue, — e, a meu juizo, o sangue de um só homem tem mais valor do que a liberdade do genero humano. Os que amam sinceramente a liberdade não necessitam, para o encontrarem, de tantas machinas; e aquelle que quer ser livre, póde-o ser, sem dar occasião a revoluções, nem a perturbações.»—

Voltando á grande questão da preferencia—em pontos de deveres, — admittia Rousseau, por hypothese, que uma tal empreza tivesse um caracter sagrado, que houvesse de ficar sobranceiro a outros deveres, — e perguntava, se esses outros deveres haveriam de ser aniquilados, e se acaso apparecia uma incompatibilidade tal, que não fosse possível servir a patria sem renunciar á humanidade? Era acaso «Cassius» o primeiro que houvesse formado o projecto de libertar a sua patria? E acaso aos que realisaram esse pro-

jecto foram necessarios os sacrificios, de que se gabava o consultante?

— «Os Pelopidas, os Brutus, os verdadeiros Cassius, e tantos outros, necessitaram por ventura de abjurar os direitos do sangue e da natureza para desempenharem os seus nobres designios? Houve nunca melhores filhos, melhores maridos, melhores paes, do que aquelles grandes homens?»—

A conclusão logica de todas estas permissas tirou Rousseau sem o menor esforço, dizendo: — «Assim concluo eu, e não sem pesar, que o vosso «Cassius» é, pelo menos, um louco; e devo confessar-vos que me dá ares de ser um ambicioso, que deseja desembaraçar-se de sua mulher, e se lembra de cobrir com o manto do heroismo a sua inconstancia, não menos que os projectos que formou de se engrandecer.»— (1)

E na verdade, havia no supposto «Cassius» uma boa dóse de loucura ou de charlatanismo: e bem desmascarados ficaram esses desvios na formosa carta de Rousseau; — ou então havia as exaggerações absurdas e funestas do fanatismo politico: e bem stygmatisado ficou o sophisma, a que de ordinario se soccorrem os ambiciosos fementidos.

— Agora abramos as bellas paginas de M. Saint-Marc Girardin, e deduzamos, muito em substancia, a moral philosophica, que o rico thesouro da bellissima resposta de Rousseau encerra.

Rousseau, nas suas obras, parece por vezes prégar a moral antiga, com todas as durezas que ella tinha — disfarçadas, aliás, com o manto do patriotismo. Na presença de taes doutrinas, dir-se-hia que o Estado deve prevalecer sobre a familia, e o cidadão sobre o homem. A eloquencia de Rousseau, a seducção de seus escriptos levaram muitos homens do seu tempo a entender, que deviam vestir-se com as virtudes antigas, ou já em palavras sómente, ou em tentativas e actos mais ou menos desvairados e temerarios. E aqui está o segredo da consulta e da resposta que acima ouvimos.

Como finalmente observa M. Saint-Marc Girardin, commentando as nobres expressões de Rousseau, são raros os casos da vida, em que o homem se encontra collocado entre dois deveres, forçado a sacrificar um ao outro. De ordinario, está collocado entre muitos deveres, — nenhum dos quaes prejudica os outros; como, porém, o dever é presado para o coração do homem, toma este, por vezes, o partido de oppôr um ao outro, para se dispensar de ambos, — dizendo então que está enleiado na escolha entre as suas obrigações, quando, aliás, só tem repugnancia de as preencher todas. — Não succede o mesmo com as paixões: estas, em vez de se socorrerem e fortificarem uma á outra, como fazem os sentimentos bons, repellem-se e excluem-se, até que uma só impera sobre as ruinas de todas as outras.

O fanatismo pretende fazer de um dos deveres do homem o seu dever unico, o seu dever exclusivo: transforma o dever em paixão. Mas essa paixão atormenta e desasocega a alma; e embora seja excessiva, não póde dar contentamento ao coração do homem, porque ella propria não o encerra em si.

(1) *Lettre à Madame***, Vootton, le 27 septembre 1766.* — Obras completas de Jean Jacques Rousseau, da edição de Paris de 1838. Tomo 4.º pag. 619 e 630.

Eis a conclusão a que chega M. Saint-Marc Girardin.

Não consintamos que um dever qualquer, ou de patriotismo, ou de religião, degenerere em fanatismo. Saibamos que, segundo a bella e profunda observação de Rousseau, um dever que pretende supprimir outro, não é já um dever, mas um fanatismo; e é por este signal, que devemos julgar os nossos sentimentos. — Os sentimentos que não querem supportar outros ao lado de si, — o patriotismo, que excluir a piedade — a piedade, que excluir o amor da familia... convertem-se immediatamente, pelo excesso, não já em deveres, mas em paixões — não já em um bom sentimento mas em um fanatismo. — Os sentimentos bons attraem-se e sustentam-se uns aos outros; as virtudes unem-se e encandeiam-se uma á outra constituindo a harmonia e a paz na alma humana, e fazendo desta a imagem do céu. — O homem que não tem coração para os seus, também o não terá para os concidadãos, e com a sua alma seca e mesquinha abandonará a patria, que lhe fez abandonar a familia. (2)

— Podéramos apresentar exemplos de mais recente data; mas abstemo-nos de assim o fazer, por brevidade.

Julgamos, porém, indispensavel premunir os incautos contra a admiração, que por vezes é suscitada pela decisão e firmeza de caracter, ou por uma certa serenidade e presença de espirito que os fanaticos politicos de ordinario apresentam.

No dia 19 de novembro de 1832, quando Luiz Philippe, rei dos francezes, ia abrir a sessão legislativa, succedeu que — no acto de atravessar a Ponte-Real — houvesse uma tentativa de assassinato contra a sua pessoa, — tentativa, que — ainda bem! — não foi fatal.

Varias pessoas foram depois presas, e entre ellas um republicano, ainda moço, por nome — Bergeron —. Sendo estê chamado á presença do juiz, foi-lhe perguntado: *E' acaso verdade terdes dito que El-Rei merecia ser fusilado?* — Bergeron respondeu com a maior serenidade: *Não me recordo de haver dito semelhante cousa; mas é certo que assim o penso!*

E' de admirar a destimidez, de que Bergeron dá mostras, ao exprimir sem a menor hesitação o que sentia, precisamente na occasião em que a sua vida podia correr perigo; mas é muito para deplorar a exaltação politica, o phrenesi revoluc onario, o furor demagógico deste fanatico, que tão ferozes e sanguinarias inspirações havia bebido nos clubs!

Funesta cegueira! O fanatismo politico, asso-prado por infernaes associações, suggeria pensamentos de destruição contra um Rei inoffensivo, contra um Rei incapaz de trahir a liberdade, contra um Rei verdadeiramente amigo da França!

— Cultivemos sempre, com o maior desvélo, o amor da patria e da liberdade; mas procuremos com igual fervor conter esses nobres sentimentos nos limites que a razão e a virtude lhes marcam!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

LORD BROUGHAM

(Continuado de pag. 92)

III

Fundára-se, havia pouco tempo, na terra natal de Henrique Brougham, a *Revista d'Edimburgo*, mãe desses innumeraveis periodicos mensaes, que formam, para assim dizermos, a aristocracia jornalística, e onde a critica séria, principalmente, usa manifestar-se. A *Revista d'Edimburgo*, creada por Francis Jeffrey, condiscipulo de Brougham, vinha preencher uma lacuna, que principiava a sentir-se. Effectivamente a critica, até ahí, reduzia-se a louvores venaes, ou a satyras insultantes, sem influencia alguma na opinião litteraria da classe illustrada. Demais, as questões de alta politica, de philosophia, de alta litteratura, não eram postas ao alcance dos leitores menos estudiosos. O jornal era frivolo; o livro era mas-sudo. Uma publicação que tivesse a um tempo a seriedade do livro e a leitura facil do jornal, devia ter um grande e legitimo successo. Obteve-o de prompto a *Revista d'Edimburgo*, de que o nosso biographado foi collaborador muito assiduo, tendo por collegas uma brilhante phalange de espiritos eminentes, o eloquente Mackintosh, o elegante Macaulay, o excentrico Thomaz Carlisle. Nesse jornal manifestou-se lord Brougham debaixo de outro ponto de vista. O homem de sciencia e o politico transformaram-se no critico ornado das mais brilhantes qualidades litterarias.

Approximava-se o momento em que Henry Brougham devia figurar na scena que illuminaria com a luz do seu talento. A sua estreia de advogado em Edimburgo abriu-lhe o caminho; em seguida, uma causa, defendida em Londres, transformou-lho em estrada triumphal. É que, effectivamente, essa causa era uma das mais proprias para fazer brilhar os seus talentos oratorios, pondo em relevo os seus profundos conhecimentos, e proporcionando-lhe a occasião de levantar a voz de modo que se fizesse ouvir na sala do parlamento e que de lá fosse eccoar na Europa. Estava-se em 1808, quando mais accesa andava a lucta entre a França e a Inglaterra. Napoleão já recorrera a meios extremos, a Inglaterra correspondia com represalias terriveis. Aos decretos promulgados em Berlim, pelos quaes o poderoso imperador fechava o continente ao commercio inglez, impondo, pela força do seu genio e das suas armas, a todas as nações, amigas e indifferentes, a obrigação de se constituirem solidarias da França na lucta com a Grã-Bretanha, respondia esta com uma iniquidade ainda maior, impedindo o commercio com a França a todos os paizes neutros, e apresando, sem mais satisfações, em virtude apenas da superioridade da sua marinha, quantos baixeis navegavam sem licença da Inglaterra!

A causa que Henrique Brougham defendia era a dos capitães desses navios iniquamente apresados, e pôdem os leitores suppor como a sua voz vibraria solemnno no recinto do tribunal, protestando, em nome da humanidade, contra as prepotencias das duas nações rivaes.

Não ha cousa mais difficil, que conhecer-se a si.

DIóGENES.

(2) Veja o desenvolvimento destes enunciados no escripto muito recommendavel de M. de Saint-Marc Girardin: *Jean Jacques Rousseau, sa vie et ses ouvrages.*

Este brilhante discurso chamou sobre elle a attenção dos homens politicos, e por influencia do duque de Bedford, Henrique Brougham entrou na camara baixa como representante de Camelford. Dissolvido o parlamento em 1813, voltou ainda eleito por influencia do duque de Cleveland como representante de Winchelsea. O seu papel foi pouco importante nestas duas legislaturas. O estridor das armas não dava lugar á lucta dos principios; a pugna gigante que se feria no continente da Europa absorvia todas as attentões, e as sessões dos parlamentos consumiam-se em discutir e em conceder afinal os recursos enormes que o governo lhes pedia para sustentar a guerra. Mas veio 1815, veio a queda de Napoleão, desapareceu da scena do mundo a sombra immensa do gigante; o principio revolucionario e o principio retrogrado acharam-se de novo frente a frente, e o grande vulto de Brougham desenhou-se então com todo o vigor em pé na brecha parlamentar.

Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

A REDEMPÇÃO

Ao meu amigo o ex.^{mo} sr. F. de Albuquerque e Couto.

Rasgou-se o véo do templo! Assoma aurora explendida
Abrem-se novos céos a Eva seduzida!
A morte empallidece... e curva-se abatida
aos jorros dessa luz!

Rasgou-se o véo do templo! Olhae a augusta Victima
erguida sobre o altar!... O sangue do Cordeiro
em pó faz os grilhões de áspero captiveiro,
soltos aos pés da cruz!

Um dia erguera a mão, da noite o negro espirito,
lançou por terra o escravo, e delle fez cimento
do colossal, maldito, e estranho monumento
que ás trevas consagrou...

Cingio-lhe por degraus setenta mil cadaveres,
e o monumento assim nas nuvens se perdia!
Houve quem visse então subir a tyrannia,
que em cima se assentou!

O escravo soluçava, e ria o altivo despota!—
—era a irrisão resposta ás queixas do opprimido!
(Maldito quem não ouve o intimo gemido
que o escravo desprende!)

Mas... expirou o Justo!— aponta um clarão fulgido,
que ao longe sobredoura a crista da montanha!
o escravo ergueu-lhe um braço! e ao revolver-se a peanha
o solio estremeceu!...

Dirieis que essa luz tinha o condão fatidico
de alumiar em baixo, e deslumbrar em cima!—
em cima desalenta, em baixo apaga e anima,
é Deus que assim o quer!

O purpurado rei, nas dobras dessa purpura
quiz esquivar-se á luz que vinha do oriente!
e ella queimou-lhe o solio! e o sceptro omnipotente
lh'o veio derreter!

Ergueu a fronte o escravo, e veio a regia tunica
coser-se — bem cosida — ás vestes da pobreza!
Ouvio-se então um brado; — É uma a natureza,
o escravo é teu irmão!—

E o mundo repetio a voz da Providencia,
e o brado fez-se ouvir em Roma e nas aldeias...
Os pulsos, roxos já estalam as cadeias
ao sol da redempção!

E o crente fora á noite, albergues e palacios
na ombreira assignalar co'o sangue do Cordeiro!
pois que a Justiça, ao vir do dia o alvor primeiro,
havia de passar!

Emfim passou por la! e o povo levantava-se
lançando para longe as peias do proscrito!
O archanjo da justiça avança, e só um grito
se ouviu no lupanar!

Era o rugir da fera, a quem a Providencia
das garras libertava a victima innocente;
ruidoso desabar desse colosso ingente
que a terra dominou!

A voz do Capitão, ergueu-se o grande exercito!
tomou-se nova estrada! a cruz era a bandeira!
E o povo que buscava a patria verdadeira
ouvio:—Eu sou quem sou!—

Vizeu, semana-santa de 1867.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Depois da morte de Filippe IV de Hespanha,
ficou governando a rainha viuva, como regente
em nome de seu filho Carlos II.

Estando, este ultimo, ainda na primeira infancia,
estreu sua mãe a regencia por um decreto,
no qual ordenava que cessasse de todo a
representação de comedias, até, que el-rei, seu
filho, chegasse á idade de poder gostar dellas:
*que las comedias cesen enteramente, hasta que el-rey
mi hijo tenga edad bastante para gustar de ellas.*

Suppõe-se que este decreto singularissimo e
extravagante foi minutado pelo jesuita Evrard
Nithard, confessor da rainha regente. *

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

— **Memoria sobre o abastecimento de Lisboa com
aguas de nascente e aguas de rio. Por Carlos Ri-
beiro. Lisboa. Typographia da Academia Real das
Sciencias 1867. (Série de trabalhos da Commissão
Geologica de Portugal. Estudos Geologicos).**

Para se conhecer a importancia deste trabalho, inde-
pendentemente da transcendencia absoluta do assumpto,
basta indicar a principal questão que elle examina e re-
solve:

«Que meios se devem adoptar para abastecer Lisboa
d'agua, attendendo ao seu estado actual, ao futuro de-
senvolvimento da sua população, commercio e industria,
e ás instantes exigencias da salubridade publica?»

— Depois de apresentar os mais amplos desenvolvi-
mentos, em todos os pontos que tem relação com a
mencionada questão, indica o sr. Carlos Ribeiro, em
epilogo, os trabalhos e os estudos que devem ser em-
prehendidos para se resolver o problema do mais pro-
ximo e do mais remoto abastecimento d'aguas de Lis-
boa. — Subordina a execução de todas as obras aos al-
vitres que forem adoptados, ao progressivo crescimento
da capital, e ás exigencias successivas da civilização, da
hygiene, e das demais necessidades publicas. — E, final-
mente, não se esquece de apontar a dependencia que
deve existir entre a solução do problema e a defeza da
capital nos casos de assedio.

— Nos limites, em que por em quanto nos encerramos,
de uma noticia meramente bibliographica, apenas é per-
mittido dizer que este trabalho parece satisfazer ao
que a sciencia exige, não menos que ás conveniencias
multimodas da capital.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.